**História do Pensamento Ocidental**, por **Bertrand Russell**.

Síntese

Toda a história da filosofia do ocidente parece ter a da humanidade se debatendo sobre sua própria inteligência. Depois da queda da Grécia Antiga, a história do pensamento parece apenas uma longa repetição daquele período. Em diversos movimentos, as mesmas perguntas são feitas, as mesmas sugestões insatisfatórias são apresentadas, as mesmas atitudes de conformação ou desespero são observadas. Por algum motivo, tudo aconteceu muito rapidamente na Grécia Antiga. Fico com a impressão forte de que a única coisa que os separou de toda a revolução do Renascimento foi a desenvolvimento técnico da época – não se dominava as artes de fundição, vidraçaria, construção e de matemática o suficiente para que os gregos antigos pudessem esmiuçar a natureza como se fez muito mais tarde e como eles já faziam mentalmente. Não parecia faltar nenhuma maturidade intelectual, todas as mesmas perguntas e ideias estavam ali. Consigo ver mesmo a invenção rápida dos computadores e da internet entre os gregos antigos. No fim do período deles, parece que só havia o ceticismo e uma fé cega na razão, que é o mesmo lugar em que se chegou mais tarde após o Renascimento. A ciência atual é majoritariamente positivista, mas praticamente nenhum cientista atual saberia dizer isso. Na prática, a ciência atual pode ser descrita como uma estranha religião cujo dogma principal diz que não é uma religião.

A história da ciência é muito mais, e talvez quase totalmente, a negação sistemática e velada de nossa incapacidade em resolver nossas dúvidas. A ciência fez a tecnologia avançar na medida em que retrocedia no campo de batalha do conhecimento. A existência e a causalidade pareciam absurdas, mas chegou-se a um ponto onde apenas desistimos e criamos uma religião em que existe esse mundo físico de uns poucos atributos que, acredita-se religiosamente, derivam a mente, as sensações e qualquer coisa mais. O movimento não parecia possível, imagina-se a velocidade instantânea, que é a simples afirmação de que o movimento existe. Mas o movimento muda, então dizemos que deve existir uma aceleração instantânea. Para o que causa essa aceleração, dizemos que é uma força, uma entidade definida “como aquilo que resolveria nossos problemas”. No fim, a força acaba podendo significar algo muito geral – com a existência onipresente da força sobre cada coisa existente, todo corpo tem infinitas “velocidades instantâneas”. No fim, é isso é que força significa quando é lançada, que nos rendemos a esse aparente processo infinito de dizer que toda mudança é causada por outra mudança. A força poderia ter sido definida em qualquer camada dessa recursão infinita de velocidades instantâneas de velocidades instantâneas.

Claro que diz algo mais o conceito de força, mas algo que pensei e que provavelmente não foi notado durante o surgimento e desenvolvimento da mecânica Newtoniana – que já abordo em outros documentos.

Anotações e Reflexões

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

*“Mas o falso juízo é impossível se o juízo for uma atividade exclusiva da alma. Devemos supor que a mente é como uma tabuleta em que estão impressas as marcas da memória. O erro, então, consistiria em conectar uma sensação presente a uma marca equivocada. Mas isso falha em relação aos erros na aritmética, onde não há nada que produza sensações.”* **Pág. 94, Atenas.**

“Nem a percepção sensorial nem o raciocínio podem, sozinhos, explicar o conhecimento.”**Pág. 95, Atenas.**

**Nota: Russell aqui simula o raciocínio de Platão, e não sua concepção própria da questão.**

Aqui se manifesta a concepção mais comum, que acredito ser ingênua, de que os pensamentos, o raciocínio, as abstrações, especialmente as matemáticas, são algo diverso, em natureza, das sensações. A ideia é de que, por conta de a aritmética não ser percebida por sensações, seu conhecimento não é possível através delas, e então o conhecimento vai além das sensações. Este pode ser um exemplo de como a imprecisão nas definições, e a acidental sobreposição delas, pode levar a concepções equivocadas. Se por sensação dizemos toda forma de interação de uma consciência com o universo, ou as entidades por meio das quais interagimos com ele, e por pensamento uma interação da consciência com certas entidades do universo, como as quantidades e suas relações, dizemos que pensamentos são sensações. Não parece haver uma razão para esses dois conceitos em nível tão fundamental.

Uma distinção entre pensamento e sensação pode ser originada em um nível teórico bem mais elevado, onde já se considera a existência de um mundo físico intangível pela consciência, mas perceptível por intermédio das variações das entidades tangíveis. Em um mundo tal como este, há um motivo prático em se diferenciar a interação da consciência por intermédio de seus órgãos sensoriais daquela interação feita por meio de seu cérebro. Porém, mesmo assim, no fim das contas, toda interação parece se dar através do cérebro. A aritmética é abstraída, ou simplesmente extraída das memórias visuais, sonoras e tácteis que a consciência contempla. Assim como o conhecimento de posição e de instante, a mente só percebe as quantidades e suas relações, e, em geral, a complexidade das coisas, através da contemplação de conjuntos de coisas, de cores, sons e demais sensações. Em natureza, não há utilidade em diferenciar abstração de sensação. Pode-se se dizer que um pensamento é uma sensação derivada de outra, mas em natureza são iguais. O argumento utilizado é então inválido, baseado em uma distinção fictícia entre duas definições. E, realmente, a ideia de erro como a conexão equivoca entre um pensamento/memória e uma sensação presente parece-me válida, no sentido de que descreve algo não contraditório e importante. Na verdade, o sentido todo da discussão de Russell sobre o conhecimento é estranho, denunciando uma incompreensão do que seja uma definição. Ele parece buscar a definição correta de conhecimento, mas estar “certa” não é um predicado de uma definição, a não ser na definição de definição como a representação útil de algo cuja existência se percebe - sendo o universo não contraditório, uma definição precisa não ser contraditória para ser útil. **Pág. 96, Atenas.**

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

*“... o conhecimento, independentemente de qualquer outra coisa que também possa exigir, pelo menos exige interação e, portanto, movimento. Mas também exige repouso, pois de outro modo não haveria nada de que falar. Em certo sentido, as coisas devem continuar paradas, se é que vão ser objeto de investigação.”*

Contesto o raciocínio de que a interação exige movimento como algo trivial, fundamental – conhecimento, sendo uma mudança de estado da mente, já exige movimento, está na própria definição. Que a interação entre uma consciência e o sistema de interesse é necessário para se adquirir algum conhecimento sobre o sistema é apenas uma possibilidade a se considerar. A existência de leis de conservação é que vem implicar que o movimento, a mudança de estado de um sistema, provoca mudança de estado em todos os outros sistemas existentes, e essa interferência é que é interação. Bem, se a mente podesse mudar de estado de maneira independente de certo sistema, não é impossível que se alcance um pensamento verdadeiro sem uma interação direta – mas isso somente se a mente já possui representações dos elementos fundamentais do sistema. Outra questão é provar o pensamento, que ele representa a realidade daquele sistema. Mas mesmo com a existência de interação não parece ser possível provar um pensamento.

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“Algumas das críticas afinal levantadas contra ele o próprio Aristóteles previu. Assim, no caso de um argumento como “todos os homens são mortais; Sócrates é um homem, logo Sócrates é mortal”, supõe-se que para conhecer a primeira premissa já se teria de conhecer a conclusão, de modo que o argumento dá como provado o mesmo que tenta provar.” **Pág. 109, Atenas.**

Russel diz que essa crítica ao silogismo é que é um equívoco, que não é preciso conhecer todos os casos para sugerir a generalização, como geralmente fazemos na geometria, como quando arriscamos a hipótese de que a soma dos ângulos de um triângulo é a soma de dois ângulos retos. Ainda diz basta mesmo conhecer apenas um caso para fazer uma conjectura. Nesse sentido, eu diria que nem mesmo é preciso conhecer algum caso. Se trata apenas de uma conjectura, podemos fazê-la arbitrariamente. Concordo que uma conjectura é independente de qualquer exame, mas Russel deixa passar que neste caso específico realmente ocorre uma circularidade. As premissas são independentes do exame, mas também precisam ser independentes da conclusão – do contrário, é inútil. Na verdade, o silogismo não está incorreto, apenas é inútil.

Provar **“todos os homens são mortais”** envolve descobrir todos os homens, o que significa testar todas as entidades, inclusive Sócrates. Em seguida, precisamos testar se cada um dos homens é mortal, o que implica descobrir o que queríamos provar, se Sócrates é mortal. Ou seja, a primeira premissa realmente inclui a conclusão – além disso, inclui também a segunda premissa, pois já deve saber quem são todos os homens. Na verdade, ela é maior que a segunda premissa e a conclusão juntas.

Mas Russel, ao menos nesse momento, deixa passar algo muito interessante, o fato de que, de toda forma, talvez seja realmente preciso que alguma das premissas ou elas em conjunto contenham a conclusão que se quer provar. Parece que a única coisa que se pode descobrir com o silogismo ou mesmo qualquer outra técnica de argumentação é quais dos preceitos com os quais já convivemos se combinam para dar outros dos quais não estamos muito certos – ao menos o silogismo não parece poder provar nada – para chegar a uma conclusão, usamos premissas que são tão ou mais complexas que a conclusão.

Na verdade, talvez seja só o caso de a crítica estar realmente certa para casos como este, no sentido de dizerem que nada prova. Mas isso não significa que não podemos através da combinação de premissas mais fundamentais demonstrar uma conclusão mais complexa, cuja verdade é menos óbvia para nós. Mas, se as premissas são independentes, como combiná-las? Se elas são dependentes em algum grau, por outro lado, significa que a conclusão já está contida nelas, de forma implícita, mas examinável. Em todo caso, o silogismo realmente não parece provar nada. Talvez, realmente, a prova do Sol seja o Sol.

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“Já vimos que as causas finais (causalidade teleológica) podem ser buscadas, com certa plausabilidade, na ética.” **Pág. 119, Atenas.**

Não deixa de ser um fenômeno interessante, mas essa causalidade com causa no futuro parece uma ilusão. Encontra-se no passado e presente a ideia de que o futuro existe e o interesse e possibilidade em que assuma certo estado no futuro. É realmente um movimento estranho, onde o tempo parece quase conseguir realizar o malabarismo de preexistir e de influenciar o passado. Dizer que a causa está, mesmo que em parte apenas, no futuro, é dizer que todo futuro precede alguns passados, num sentido literal, mas não simples.

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“A característica da matemática é que faz parte do procedimento aceitar as premissas, enquanto em outros campos sempre se comparam as conclusões com os fatos, por medo de que uma das premissas esteja errada. Na matemática não há fatos fora do seu próprio campo que exijam comparação. Por causa dessa certeza, os filósofos de todos os tempos sempre admitiram que a matemática propicia um conhecimento superior e mais confiável do que o reunido em qualquer outro campo do saber.” **Pág. 128, Atenas.**

Cheguei a considerar enganosa essa diferenciação entre o conhecimento matemático e o físico. Mas realmente, o mundo físico, se aceitamos a premissa de que existe, implica uma espécie de novo nível de demonstração. A prova matemática de uma propriedade matemática, como a infinitude dos números primos ou a unicidade de uma paralela, envolve apenas suas premissas, mas a demonstração de uma propriedade física possivelmente envolve, além das premissas lógicas que compõem o método, a percepção das conclusões.

Mas ainda insisto na ideia de que a diferença não é tão clara entre matemática e física. Acho que concordo com a conclusão de tais filósofos, mas por motivo diverso. Também na matemática utiliza-se a percepção de fatos, só não se consegue em geral realizar essa comparação. Não se trata de uma diferença fundamental, mas prática. Nossas mentes não conseguem perceber como fato a infinitude dos primos. Se conseguíssemos, é verdade que não precisaríamos de uma demonstração. Porém, então tentaríamos ainda assim demonstrar o fato observado para perscrutar nas suas razões. Assim, parece-me que a diferença entre o conhecimento matemático e físico é puramente prático. Ambos partem da premissa da existência desses mundos que superam a percepção. Ambos têm o interesse tanto na indução da existência de todos os princípios e também no conhecimento de todas as suas relações.

Parte-se dos seguintes princípios fundamentais:

- Combinações de premissas verdadeiras só levam a conclusões verdadeiras.

Esse princípio dá origem a um método de obtenção do conhecimento. Se as premissas que escolhemos levam a conclusões falsas, ao menos alguma delas é falsa. Assim, temos a liberdade de intuir e induzir premissas de nossa observação, tanto de um suposto mundo físico quanto de um suposto mundo matemático. Utilizando premissas lógicas, que também vem da observação do universo, analisamos a relação entre outras premissas. Quando chegamos a uma conclusão, as vezes podemos compará-la com a percepção. Se derivamos de certas premissas que todos os números ímpares são primos, podemos utilizar comparação para determinar que alguma premissa estar errada ao encontrar qualquer ímpar que não seja primo. É apenas uma verdade prática que, especialmente envolvendo o conceito de infinito, não se encontra formas de observar e então comparar a maior parte das conclusões matemáticas. Mas notemos o quanto isto é subjetivo e prático, não fundamental.

A comparação de uma conclusão teórica e uma observação, na verdade, se baseia em premissas adicionais, que assumem certo limite de intolerância para com a dúvida. Usando certo nível de tolerância, podemos dizer que observamos a comparação entre infinitos ou certa quantidade de inteiros com certa conclusão sobre eles. É uma ilusão a ideia de que existe tal coisa como a observação direta de fatos físicos, em contraste com as conclusões matemática, que teriam . Em primeiro lugar, o mundo físico é uma premissa, e em segundo lugar é a premissa de algo cuja percepção é indireta. Tal como na física, na matemática podemos ser tolerantes com as limitações de nossas comparações. Podemos derivar puramente de premissas a infinitude dos números primos, mas também podemos fazê-lo ao associar a observação de certa quantidade de casos a uma premissa que diga que certo número de observações é suficiente.

Agora, é bem verdade que a experiência na Física nos mostra que o método da prova de premissas através da comparação (que usa certas premissas adicionais) de conclusões com fatos observados é falho. Observado com cuidado, se vê que esteve sempre fadado ao fracasso. Baseado na premissa mais fundamental, é verdade que a comparação representa uma camada adicional de confiança nas premissas, que beneficiaria tanto o campo da matemática quanto o campo da física. Agora me parece estranho que os matemáticos tenham se vangloriado de impossibilidade de ter essa camada adicional de verificação.

Digamos que se intua os seguintes princípios:

- As bolas caem.

- Os objetos colidem.

Se usamos algumas premissas lógicas adicionais, podemos concluir que, se uma bola cai, irá colidir com o chão.

Um matemático então se vangloriaria que sua prova lógica é superior, se for impossível fazer um experimento nesse mundo físico em que a bola e o chão existem. Mas deixa de perceber que suas premissas elas mesmas partem de um processo empírico, mesmo as lógicas, e que seu método só se beneficiaria de poder haver o teste empírico de comparação da conclusão.

Na matemática também se parte do empírico. Visualiza-se as relações entre os números e induz-se os princípios fundamentais. Dessa indução ou intuição tomamos premissas, observamos as relações entre elas. E aqui trata-se novamente de algo empírico, essa experimentação das relações entre premissas. Nem mesmo conseguimos visualizar esses princípios em si; como com o mundo físico, intuímos a existência dessas regras matemáticas universais através da percepção de pensamentos particulares. A existência do mundo matemático, assim como a do físico, é uma premissa.

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“... é impossível formular afirmações que tenham sentido, A é A, o que é verdade, e não vale a pena dizer; ou A é B, onde B não é A, e isso é necessariamente falso. Não admira que Antístenes acabasse perdendo a fé na filosofia.” **Pág. 136, O Helenismo.**

**(**Em certo sentido, é fácil ver que Antístenes tem razão - no sentido mais fundamental de “ser” e de “não ser”. Mas, no sentido mais rebuscado de que a percepção A é causada pela existência de B ou do fenômeno B, podemos dizer que A e B não representam a mesma coisa, mas estão relacionados. Neste caso estamos falando sobre causalidade, uma relação causal então. Parece então que só é útil falar sobre relações, sobre a existência de um conjunto. Porém realmente acabamos sempre descambando na questão existencial: se falamos numa relação, a relação existe, mas em que consiste então, qual a natureza de uma relação causal. Se dizemos que ela é, por sua vez, causada por certo princípio do universo, como uma conservação de simetria, por exemplo, nos deparamos com o problema da existência e da natureza desse princípio. A e B podem ser coisas cujas existências contemplamos diretamente, mas o que dizer de um princípio? Além disso, no final das contas, acabamos onde Antístenes previu, dizendo que a relação A é a relação A e que ela não é B. Se ao menos pudemos acessar diretamente um princípio, vê-lo escrito no universo, assim como vemos uma cor ou ouvimos uma nota sonora. Os princípios que escrevemos são pensamentos incompletos que concebemos, perguntas... mas podem ser mais que isso se forem verdade. Será realmente necessário que os princípios sejam reais, no sentido de que representem entidades que existem? Se existem certas coisas e... mas e quanto ao tempo, e quanto a mudança? Como negar a existência de uma relação como algo próprio?**)**

A filosofia pretende produzir pensamentos cujas ideias e relações correspondam as relações das coisas as quais se refiram, ou seja, sentenças que se adequem a realidade. O que Antístenes parece expor aqui é a impossibilidade de se explicar ou descrever a existência de algo. Seu raciocínio parece demonstrar o princípio de que “A prova do Sol é o Sol, se não crês nas vires o rosto”, ou, de forma mais geral, “a única prova de algo é sua contemplação direta”.

A primeira vista, parece-me que o raciocínio de Antístenes não engloba sentenças acerca as relações entre as coisas, mas apenas afirmações de existência e de definição. Se estamos tratando de algo elementar, facilmente vemos a inutilidade em se fazer qualquer afirmação sobre esse algo, ele é igual a si mesmo e diferente de todas as outras coisas. Se se trata de algo não elementar, então, na verdade, é um conjunto de coisas e tudo que se pode fazer é nomear esse conjunto de maneira arbitrária – a afirmação da verdade de cada elemento caí na inutilidade. Mas podemos falar das relações entre essas coisas, e isso não me parece trivial a princípio. Mas se conseguimos afirmar a existência de uma relação entre duas coisas, nada poderemos falar sobre a existência da relação em si, apenas podemos nomeá-la.

Percebo agora que quando dizemos que um conjunto de coisas compõe uma única coisa, se não estamos apenas criando uma definição, recaímos no segundo caso que Antístenes fala. Uma coisa não pode ser muitas. Podemos pensar que uma coisa é una e depois descobrir que são muitas, no sentido de que nossa percepção é limitada e mutável. Ocorre que as únicas verdades possíveis, e é isso que Antístenes tenta avisar, são as que dizem que uma coisa é igual a si mesma. Assim, a única coisa que faz sentido na busca pelo conhecimento é acessar essas verdades elementares.

Parece-me agora que as relações entre as coisas precisam ser coisas elementares. A velocidade, relação entre tempo e posição, e toda outra mudança, ou são elementares ou implicam na existência de relações elementares.

Podemos afirmar sobre a existência de um conjunto, caracterizado por uma relação, mas a relação ficará então inexplicável. Se explicamos a relação, precisamos agora explicar a existência e a relação entre os componentes dela.

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“Extraindo a sua origem na teoria das ideias, como exposta pelo Sócrates platônico, o realismo sustenta que os termos universais são coisas e vêm antes dos particulares. O campo oposto se baseou no conceitualismo de Aristóteles. Essa teoria é chamada de nominalismo e afirma que os universais são meros nomes e que os particulares vêm antes dos universais.” **Pág. 186, A Escolástica.**

Vendo agora as duas vertentes do pensamento em oposição, fica mais clara a legitimidade da questão. Encontro ultimamente meu raciocínio mais inclinado ao nominalismo. As coisas existem, coisas se relacionam umas as outras, as relações não são coisas no mesmo sentido que as primeiras, as coisas podem representar outras através de suas relações, representações são o que chamamos de pensamento, podemos criar um pensamento de generalização, que relacione um particular, ou seja, qualquer coisa percebida e memorizada, a várias outras coisas, formando assim um conjunto de coisas. Esse particular, agora ligado, no pensamento, a uma série de outras coisas, é em que consiste um universal. Um universal, ao invés de algo mais simples, é algo mais complexo, um triângulo, ou seja, a ideia de um triângulo, consiste apenas no pensamento da relação entre entidades distintas mas relacionadas por alguma outra coisas, como a quantidade de arestas.

O que me desconcerta em meio a esse raciocínio é a questão das quantidades, e mesmo das relações entre as coisas de maneira geral. O que falar de suas existências? Parecem realmente existir independentemente do pensamento, o que nos leva a teoria das ideias.

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“A própria essência de Deus é incognoscível não apenas para os homens, mas para o próprio Deus, que não é um objeto que se possa conhecer. A razão lógica para isso, ainda que João (Escoto) não a explique, é que Deus é tudo; e, portanto, a situação de conhecimento, na qual há um conhecedor e um objeto de conhecimento, não pode acontecer.” **Pág. 187, A Escolástica.**

Essa ideia facilmente se insinua em nossos pensamentos quando consideramos a possiblidade de compreensão completa do universo. Russell consegue aqui colocar o raciocínio da forma que talvez seja a mais clara possível. Realmente, usando a definição de conhecimento na qual o observador e o objeto estão separados, parece impossível realmente conhecer tudo, especialmente para Deus, que seria tudo.

Mas vejamos, testemos a flexibilidade dessa definição tão comum. Se dizemos que o universo é infinito, formado por infinitas entidades mas que tem uma quantidade finita de tipos de atributos, continua sendo impossível conhecer tudo, mas podemos conhecer o essencial e inclusive perceber a infinitude do universo, sem precisar conhecer cada instância de suas repetições. Conhecer o universo seria como conhecer os números naturais. Após perceber a existência de infinitos números naturais, conhecer um número adicional específico não parece nos ensinar mais sobre o universo. Deus não precisaria também ser todo o infinito, mas apenas o essencial do universo, o princípio gerador da infinitude do universo. O autoconhecimento de Deus não seria barrado por esta questão então, ao menos sua própria existência ele poderia perceber – outra coisa seria compreender sua própria existência. Através do restante do universo, conseguimos perceber nossa própria existência, mesmo sem ter ideia de como descrever o que somos. Quando tentamos olhar para nós mesmos, parece sempre haver um ponto cego no lugar de nossa imagem. O autoconhecimento não pode ser direto, como enxergamos as cores e escutamos os sons.

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“Se Deus é onipotente, não será capaz, por exemplo, de fazer uma pedra tão pesada que Ele próprio não consiga erguer? Contudo, ele deve ser capaz se é verdadeiramente onipotente. Portanto, parece que ele tanto pode erguê-la quanto não. A onipotência acaba sendo uma noção impossível, a menos que se abandone o princípio da contradição. Este último movimento tornaria impossível o discurso. Por essa razão a teoria de Damião foi rejeitada.” **Pág. 189, A Escolástica.**

Parece então que o princípio da contradição é o mais elementar de todos. E, mesmo tão elementar, parece ser fértil.

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“A essência é puramente potencial, a existência é puramente atual. Nas coisas finitas, há sempre uma mistura de ambas.”

**Pág. 204, A Escolástica.**

A ideia de potencial na ciência moderna surge na filosofia desde os antigos filósofos gregos. Acho que esse conceito possivelmente emerge da problemática de se explicar a mudança. Mas os gregos antigos não chegaram a conceber o conceito de velocidade, e talvez nenhum item específico – apenas reconheceram que, por conta da aparência mutante das coisas, onde coisas parecem se tornar e deixar de ser, e retornar, é preciso que exista outra forma de existência.

Os gregos antigos parecem ter concentrado sua atenção na percepção da existência das coisas, e não perceberam que a mesma ideia se aplicaria aos eventos, que poderiam dar o mesmo tratamento ao movimento, por exemplo, e, de certa forma, resolver os paradoxos de Zenão.

O conceito de velocidade, na verdade, é equivalente ao de força ou energia potencial – o que ele faz é simplesmente afirmar que, de algum modo desconhecido, o universo, a cada instante, sabe em que estado se encontra e todos os estados precedentes e subsequentes em relação a posição. Mas podemos encontrar que, ao resolver o problema da mudança de posição com o conceito de velocidade, ou **posição potencial**, nos deparamos com o problema da mudança de velocidade. E então chegamos ao conceito de aceleração, que é a **velocidade potencial**. Ao considerarmos as diferenças entre os diferentes objetos, chegamos à ideia de massa e de força. A força, por sua vez, é descrita em termos de sua posição e velocidade relativas. Tudo parece muito circular agora. Primeiro tomamos a posição como algo certo. Como as posições mudam, dizemos que o que há de certo é a velocidade. Mas a velocidade também muda. Então dizemos que a aceleração é certa. Mas descobrimos que esta também muda. Mas acabamos descobrindo que está muda de acordo com uma fórmula precisa baseada na posição e na velocidade. Assim, parece que não precisamos continuar mais, a fórmula, ou a relação entre as entidades que já havíamos assumido, explicam a mudança última, da variação da aceleração. Nos resta agora encontrar as fórmulas específicas para cada coisa, que descreva sua mudança de aceleração. Interessante que, por fim, parecemos encontrar uma causa estática para a dinâmica. Mas então algo estranho ocorre, em alguns casos, como no caso do magnetismo, a velocidade aparece na fórmula de força. Sendo que a velocidade era algo que estávamos esperando explicar em outros termos.

Os gregos antigos falharam então em ver que a teoria dos potenciais valeria para a posição. É claro que, se existe realmente algo mais fundamental que a velocidade, a ideia de posição potencial falha em expor isso – na verdade, representa uma desistência na busca e investigação.

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“Mas não há boas razões para se rechaçar uma regressão, desde que não conduza a contradições. A série de números racionais maiores do que zero, até e incluindo a unidade, é infinita e, não obstante, não tem um primeiro membro. No caso do movimento, a questão da regressão nem precisa ser suscitada. Duas partículas gravitando uma em torno da outro, como o Sol e um planeta, continuarão assim indefinidamente.”

**Pág. 204, A Escolástica.**

Apesar de não gostar dos exemplos, concordo com o posicionamento de Russell para com as regressões. Vejo no seu exemplo dos números racionais a concepção errada e comum aos matemáticos de que se pode demonstrar algo sobre a realidade partindo-se da linguagem matemática. A matemática é tanto o conhecimento das verdades atemporais quanto a linguagem de representação dessas verdades. Porém, como toda linguagem, a matemática enquanto linguagem, pode ir além das relações que realmente existem em determinando sistema do universo. Não se deve tentar provar algo físico ou lógico através da linguística. Os números racionais são um sistema de representação da complexidade de outros sistemas, que podem ou não descrever outros sistemas reais, e também fazer isso em grau variável. O exemplo do movimento e da gravitação não ficou muito claro.

Prefiro o exemplo da definição de uma definição, que envolve uma regressão infinita, sem ser contraditório ou inútil.

Diria que uma regressão infinita se torna inútil quando é circular, no sentido de informar algo.

Explicar uma mudança com outra mudança apresenta-se como uma recursão, onde temos uma repetição não total, nunca voltando realmente ao mesmo estágio. Apesar de ainda frustrante, não parece haver argumentos para dizer que não pode representar a realidade. Geralmente só assumimos que o universo não é contraditório e que uma explicação circular é inútil.

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“Ao separar claramente as esferas do intelecto e da fé, pretendiam liberar a teologia propriamente dita da sua dependência da filosofia clássica. Ao mesmo tempo, contudo, a filosofia ficava assim apartada da sua subordinação aos fins teológicos. Junto com um livre cultivo da especulação filosófica, se desenvolve a pesquisa científica.”

“Essa circunstância traz consigo a ocasião para os conflitos mais agudos do que os surgidos até então.” (entre ciência/filosofia e religião).

**Pág. 206, A Escolástica.**

Esse foi um movimento da filosofia que considero imprudente, ao que foi feito de maneira imprudente. Ainda hoje persiste essa segregação entre intelecto/razão e fé. A filosofia realmente acabou dando origem a dois métodos muito distintos de se buscar o conhecimento, duas teorias do conhecimento, uma através da razão e outra através da revelação. Mas ambos são essencialmente métodos filosóficos, e ambos envolvem tanto fé quanto razão. Essa divisão nunca se realiza. É através da filosofia, da razão e da experiência, que alguém desenvolve a ideia de que é possível atingir o conhecimento diretamente através da revelação divina, ou seja, da obtenção do acesso direto a uma verdade. É realmente uma questão filosófica. E é uma questão filosófica e de fé a ideia de que o método científico da observação leva a algum conhecimento, a ter alguma certeza. A divisão entre fé e razão parece ingênua.

Nessa segregação, ambas as partes assumiram posições de fanatismo. A religião desistia da compreensão de certos assuntos através da razão e menosprezaria as questões na medida em que pudessem ser racionalizadas. A ciência, por sua vez, passaria a considerar que tudo pode ser racionalizado, e, toda vez que se fracassar, o problema, na verdade, não existe.

No fim das contas, a ciência tem sempre se deparado com dilemas que acaba resolvendo através de fé. É preciso ver que a religião não ignora a experiência, mesmo que seu método seja menos bem definido. E que a ciência não prescinde totalmente de fé. É preciso fé para interpretar as experiências.

Tanto a teoria da revelação quanto a científica tomam como conhecimento é um pensamento que corresponda a realidade – é importante que nos asseguremos que ambas falam da mesma coisa. A ciência diz que é possível validar uma ideia através da experiência, referindo-se a um evento físico, o evento de um mundo que imagina existir. Por isso ela acaba rejeitando de antemão qualquer ideia que não possa ser experimentada nesse mundo físico. A ideia da revelação é a de que o conhecimento de certas coisas, que são verdades, só pode ser feito diretamente – não é possível prová-los, mas apenas chegar nessas ideias por intervenção divina e então ter fé neles, acreditar neles por conta de sua origem divina.

Uma ciência mais madura irá assumir que não há razões para rechaçar ideias só pelo fato de não poderem serem experimentadas, elas podem ser verdadeiras. E uma religião mais madura irá reconhecer que é possível ter certo conhecimento através da razão. Mas em algum ponto ambos acabarão concordando que o conhecimento só é possível diretamente e que a única prova de uma coisa é ela própria – nem a origem nem a experiência podem provar algo – a experiência só prova a si mesma. Se uma coisa não pode ser contemplada diretamente, então é impossível conhecê-la.

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“Para evitar absurdos, devemos ter o cuidado de não confundir declarações a respeito de coisas com declarações a respeito de palavras. Quando, como no caso da ciência, falamos a respeito de coisas, diz-se que os termos utilizados são de primeira intenção. Se, por outro lado, falamos a respeito de palavras, como no caso da lógica, os termos são de segunda intenção. No argumento é importante garantir que todos os termos utilizados tenham a mesma intenção.”

Primeiramente, gostei dessa definição de lógica como o conjunto de ideias sobre as palavras, sobre as relações entre as palavras. Assim, a matemática faz parte da lógica, sendo um conjunto de pensamentos acerca das relações entre diferentes símbolos. Parece então que a matemática irá se confundir completamente com a lógica, mas podemos dizer então que a matemática deve necessariamente ter significado externo, uma relação com coisas que não são palavras. A lógica tem apenas os limites de combinação da mente, mas a matemática é restrita pela complexidade da realidade.

Talvez seja interessante então dizer que linguagem é também parte da lógica, mas aquela com fins de comunicação entre sistemas diferentes.

**Pág. 210, A Escolástica.**

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“Talvez não seja supérfluo destacar que a invenção da imprensa resulta numa bênção duvidosa se não for acompanhada da salvaguarda da liberdade de discussão. Porque a mentira e a verdade são igualmente fáceis de imprimir e difundir. De pouco serve a um homem saber ler se o material posto à sua frente deve ser aceito sem questionamento. Só onde existir a liberdade de falar e criticar, a ampla circulação da palavra impressa favorecerá a investigação.”

**Pág. 223, O Surgimento da Filosofia Moderna.**

Aqui Russell acaba tocando na essência do problema atual das Fake News, que a imprensa acaba inutilizada pela igual facilidade com mentiras são disseminadas.

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“Essa nova abordagem do mundo e dos seus problemas diferia radicalmente do aristotelismo das escolas. Era antidogmática, pois não se apoiava em textos, mas exclusivamente na autoridade da ciência dos números. Às vezes, nesse aspecto, foi longe demais. Como em todos os outros campos, o perigo de ultrapassar as medidas deve ser lembrado sempre. No caso presente, o excesso seria o misticismo matemático, que se apoia nos números como se fossem símbolos mágicos.”

**Pág. 241, O Surgimento da Filosofia Moderna.**

Aqui encontro o reconhecimento de Russell de um problema que vejo ser muito comum na compreensão da matemática e da física, o ofuscamento da percepção de número. Diante do poder oferecido pela linguagem matemática para representar a complexidade do mundo, as pessoas acabam se confundindo sobre a natureza dos números, passando a considerar que um sistema de números possui significado intrínseco, quando na verdade apenas representam a complexidade das nossas memórias. Acaba-se realmente tendo uma noção mística dos números e fórmulas, acreditando-se até mesmo na capacidade de gerarem a realidade, ou seja, de gerarem aquilo que eles representam.

Na verdade, acho estranho se falar em ciência dos números, uma vez que os números são receptáculos e veículos do conhecimento das coisas – não há o que se conhecer num símbolo em si, não enquanto símbolo. Realmente se pode conhecer certo sistema de símbolos, mas esse conhecimento é trivial no sentido que todo sistema de símbolos é arbitrário.

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“No processo de salvar as aparências, os filósofos até então haviam discutido principalmente o aspecto da salvação. Quanto às aparências propriamente ditas, pouco ou nada fora dito.”

“Mas, como reação contra a excessiva concentração no lado puramente lógico da dedução, os tempos estavam maduros para se dizer algo a respeito do material de observação, sem o que a investigação empírica fica estéril.”

**Pág. 248, O Surgimento da Filosofia Moderna.**

Aqui encontra afirmação da impressão crescente que tenho de que durante muito tempo, desde o seu surgimento na Grécia antiga, a filosofia se debateu em epistemologia, tentando divisar um método de encontrar e demonstrar a legitimidade dos pensamentos corretos. Além disso, a relação do detalhamento com o potencial prático das observações demorou muito a ser percebido, e dependia muito de certo nível tecnológico inicial.

O que lamento nas colocações de Russell, que já não me surpreende, é a falta da observação de que para “dizer algo a respeito do material de observação” é preciso justamente resolver em primeiro lugar a forma correta de se fazer isso. Minha impressão é de que muitos filósofos Gregos foram honestos demais para prosseguir sem antes resolver esses problemas, de como salvar as aparências. Foi preciso abandonar as questões epistemológicas para que a ciência pudesse se desenvolver como o fez. Acabou acontecendo que os pensadores acabaram confundindo a medição minuciosa das aparências com a salvação das mesmas, ou seja, com os mecanismos reais dos quais seriam consequências. Newton, para citar um forte exemplo, confunde a medição do produto entre duas grandezas, massa e aceleração, como algo que salva as aparências, quando, na verdade, não há motivos para crer que seja mais que uma descrição das aparências. Bem, os homens continuam a tentar a salvar as aparências, e com isso a tecnologia se desenvolve, mas não se percebe que não se está mais observando tanto o método. É claro que um método é escolhido e ainda mais desenvolvido, mas sem muita consideração epistemológica. O homem se anima demais com os efeitos práticos de suas descobertas, e não percebe que eles advêm não das suas explicações, mas sim de suas descrições. Por fim, acaba havendo um retorno ao misticismo numérico, onde se confunde o símbolo com o significado.

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“Assim como Galileu e Descartes, **Hobbes** sustenta que tudo o que experimentamos é causado pelo movimento mecânico dos corpos externos, ao passo que visões, sons e odores não estão nos objetos, mas sim são privativos dos seres humanos.”

“Devemos partir de definições, tendo o cuidado de não usar noções contraditórias ao formulá-las. Nesse sentido, a razão é algo que se adquire com a prática; não é inata, como sustenta Descartes.”

“... no estado natural, todos os homens são iguais e procuram se preservar de diversas maneiras, à custa dos demais, de modo que existe um estado de guerra de todos contra todos.”

**Pág. 252-253, O Surgimento da Filosofia Moderna.**

Na primeira parte, Hobbes abraça então a hipótese da existência de um mundo físico e a de que as sensações tem natureza diversa desse mundo. Além disso, considera que o mundo físico é puro movimento, o que nos leva a pura mecânica. Mas é então notável que Hobbes, num momento tão inicial da ciência moderna, já percebe com clareza o que cientistas atuais falham em perceber, que a mecânica não pode responder por coisas que tem atributos de natureza diversa do mundo físico e que, na verdade, atuam como intermediários entre as consciências e esse mundo físico.

Sou inclinado pela ideia de Hobbes de que a razão, como essa noção de que a verdade não pode conter contradições, advém da prática. É na observação e memorização do mundo e, na definição de pensamento como algo que representa em parte a complexidade de parte da realidade, que tiramos essa ideia: se o mundo não é contraditório, é ele mesmo a cada instante, e um pensamento é uma representação do mundo, então, para serem ambos corretos, um pensamento não pode contradizer o outro.

Nas considerações sobre o estado natural do homem, vejo que Hobbes tem a habilidade e o interesse por abordagens elementares.

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“É verdade que tudo está relacionado com tudo, de algum modo, mas não é verdade que as coisas mudem por estarem relacionadas com outras coisas.”

“A atitude hegeliana está relacionada ao otimismo científico do final do século XIX, quando todos acreditavam que a resposta para todas as coisas estava próxima. Definitivamente, isso se mostrou uma ilusão, como seria fácil prever.”

Tenho a forte impressão de que sempre sustentei o pensamento contrário, de que a análise de uma porção do universo é automaticamente limitada por não levar em conta a relação com o restante do universo. Diria também que esta é uma ideia comum.

É preciso levar a sério essa questão, a resposta pode significar a esperança de que o conhecimento seja alcançável.

Se se trata do conhecimento da existência e da mudança em uma porção do universo, não parece necessário conhecer qualquer coisa do restante do universo para que esse conhecimento verdadeiro. Porém, não se poderá generalizar qualquer relação ou regra que seja observada – e isso inclui relações temporais. Além disso, ainda que as coisas elementares não mudem pela relação com outras coisas, uma porção de suas relações parece variar com mudanças em outra parte delas e só conseguimos perceber algo através da mudança em suas relações. Assim, se não conhecemos todas as relações, não entenderemos completamente as mudanças e não teremos acesso total a natureza imutável da entidade em questão.

Acho a pergunta uma das mais importantes, crítica, e vejo que é razoável esperar que uma coisa não mude através de mudanças nas suas relações. Mas não me parece dispensável o conhecimento do todo para que se conheça qualquer parte – nem que seja apenas para ter certeza de que o resto não importa.

Mas é realmente importante notar que as coisas cuja existência e natureza percebemos não podem ser mais bem conhecidas se conhecermos o resto do universo. Iremos conhecer melhor a cor azul e conhecermos a cor vermelha, ou uma nota sol?

Esse é um dos grandes tijolos do muro absurdo, a natureza das relações, para que possam mudar – a natureza da mudança e da relação entre as coisas imutáveis, indivisíveis e distintas.

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“Afinal, você precisará considerar o universo inteiro antes de poder afirmar que saber o que diz quando declara que a coluna de Nelson é mais alta do que o palácio. Mas, de acordo com esse raciocínio, o problema consiste em que eu precisaria conhecer tudo antes de conhecer algo, a assim jamais poderia sequer começar.”

“O empirista, ao contrário, reconhece que cada peça tem um significado próprio. Na verdade, se não tivesse, não se poderia começar a juntar as peças.”

**Pág. 330, O Iluminismo e o Romantismo.**

Tenho a impressão de que há um problema de semântica por parte de Russell no uso da palavra “conhecer”. Olhando de uma perspectiva apenas, é fácil perceber que não se tem informação suficiente para concluir com certeza qual o mais alto. Talvez o que os idealistas queiram dizer é que o conhecimento de uma parte só diz respeito a si mesmo – se o objeto em questão for mais do que aquela perspectiva, nem é possível deduzir isto nem qualquer generalização. Determinar qual de dois objetos é mais alto é algo que transcende a observação direta, a não ser que se fala apenas da altura em certa perspectiva.

Mas eu entendo o que Russell quer dizer.

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“Entretanto, é bom lembrar que subestimar a razão é tão perigoso quanto superestimá-la. Hegel superestimou-a e caiu no erro de achar que a razão podia gerar o universo.”

**Pág. 333, O Iluminismo e o Romantismo.**

Esse é um conceito que encontro com bastante frequência entre físicos, a mistificação da razão, da lógica e da matemática no sentido de achar que, ao invés serem uma porção interditada do universo que tem função de representação, são as coisas em si ou a fonte delas.

É comum escutar um físico explicando como pode gerar o tempo a partir de uma equação e que, logo, o tempo não é fundamental.

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“É claro que existem problemas humanos que também precisam ser considerados, pois, se a operação especializada for tão fragmentária que destrua o interesse do homem pelo seu trabalho, o operário afinal sofre. Essa dificuldade, que não foi bem-compreendida na época de Smith, e o seu efeito desumanizador sobre quem maneja as máquinas, tornou-se um dos maiores problemas da indústria moderna.”

**Pág. 341, Do Utilitarismo em Diante.**

Tenho a impressão de que um problema muito semelhante ocorre na área de programação com o surgimento de paradigmas de programação como TDD, que organizam acabam desumanizando demais o processo de implementação de um algoritmo. É preciso lembrar não apenas da flexibilidade da natureza humana de se adaptar a processos que são potencialmente melhores, mas também de sua inércia, que tem sua importância clara para o indivíduo e para a sociedade. Em cada determinado momento, é preciso produzir e evoluir, mas a inércia limita a velocidade com que se consegue evoluir. Se forçamos uma mudança drástica, a produção será afetada. Além disso, não parece provável que qualquer mudança da natureza humana seja possível.

Muitos problemas da humanidade foram resolvidos apenas alimentados por paixões desenfreadas. Se o indivíduo é submetido a um processo que inibe o desenvolvimento de sua paixão pelo trabalho, ainda que o método seja potencialmente melhor, ele provavelmente não será bem executado, ao menos não por muito tempo.

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“Nunca podemos estar certos de não ter cometido um erro. A essa teoria geral da investigação Peirce chama de “falibilismo”. Em relação a isso, afirma que a verdade é a opinião à qual, afinal, a comunidade adere. Superficialmente, isso é um absurdo. Porque, se todos acreditássemos que duas vezes dois são cinco e nesse mesmo instante a Terra fosse destruída, a nossa excentricidade aritmética anterior continuaria errônea.”

**Pág. 360, Do Utilitarismo em Diante.**

Percebe-se que Russell, como seria de se esperar, se sente ameaçado/inseguro e reage logo ao Ceticismo que deve emergir dessa concepção de Comte. Russell tenta explicar com um exemplo da matemática como existem conhecimentos que não são mera opinião pessoal ou pública, e deixa de reconhecer que Comte já intimou também esta mesma ciência a dar prova de suas verdades, e não se satisfez com o que fora apresentado.

Parece que o “falibilismo” consiste no reconhecimento de que a verdade não pode ser conhecida, e se muda o significado da palavra para algo útil.

Lembra o que ocorre com o Empirismo, que descarta qualquer teoria que não possa ser experimentada, pois se este é o caso, ela até foge do escopo da própria vida e não importa.

Russell diz que na teoria pragmática, relacionada ao menos à alguma fase de Compte, a investigação é consiste no movimento de resolver uma insatisfação/desconforto, de eliminar as influências perturbadoras. E não parece se tratar do desconforto de não se conhecer a verdade, mas sim qualquer desconforto. A verdade agora significa qualquer pensamento que acabe com o sofrimento.

Interessante que essa nem parece ser a concepção atual da ciência. Acho que esse detalhe da filosofia é muito rebuscado e desanimador para ter sido aprendido e propagado na sociedade. Assim, o que acaba acontecendo é a coração e santificação da ciência. Ao invés de uma postura modesta, com única pretensão de viver bem, a ciência atual se transforma em uma autoridade autoproclamada real e divina. O positivismo previu uma sociedade dominada por uma elite científica, mas não acho que se esperava que tomasse esse caráter religioso.

Voltando ao exemplo de aritmética dado por Russell, podemos encontrar que se encaixa facilmente nesse ceticismo otimista, que Pierce chama de falibilismo. Na concepção de Pierce, o único critério é o conforto. Se acreditar que dois mais dois é igual a cinco (considerando o significado usual e não meramente usando a relatividade da definição) não causasse nenhum desconforto individual e social, essa seria uma verdade individual e social. Russell mostra espanto com tal possibilidade, mas clama apenas que se trata de uma crença obviamente errônea, e não apresenta qualquer tipo de argumento em prol disso. Russell parece realmente um adepto da ideia de que as ideias matemáticas que ele próprio tem são automaticamente corretas porque ele seria incapaz de produzir uma ideia incorreta.

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“Vale lembrar que para esses pensadores (Leibniz e Spinoza) tudo o que existe pode, em princípio, ser visto como necessário, desde que adotemos um ponto de vista suficientemente amplo.”

**Pág. 397, O Período Contemporâneo.**

Essa ideia me lembra a maneira que encontrei de apresentar os princípios da mecânica Newtoniana, em particular o princípio de que todo evento de mudança deve ser descrito como necessário em algum escopo do universo – se uma mudança ocorre, existe algum sistema que inclui o portador do atributo em questão onde é possível descrever a mudança como algo necessário (não foi exatamente assim que fiz, mas estou arriscando aqui alguma modificação para explorar melhor a semelhança). Talvez seja apenas uma semelhança superficial, então é preciso considerá-la com cautela. Mas acho realmente que a semelhança entre essas ideias é semântica e profunda.

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“A crítica que ele (Gabriel Marcel) faz ao dualismo dos cartesianos lembra a de Berkley contra os que confundem o ver com a ótica geométrica.”

**Pág. 399, O Período Contemporâneo.**

Fico simplesmente um pouco tranquilizado em descobrir que não apenas eu encontrei pessoas com tal confusão e que já existiram outras pessoas com a clareza de mente suficiente para ver a trivial diferença.

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“Outra dificuldade do positivismo é a rejeição a toda especulação filosófica como palavrório inútil, pois a teoria da verificabilidade é, em si, uma doutrina filosófica.”

**Pág. 400, O Período Contemporâneo.**

Nesse momento Russell demonstra muito bem a clareza e honestidade de pensamento que esperava de um pensador que voluntariamente se debruçou sobre toda a história do conhecimento humano (ocidental).

Mas mais frequentemente Russell não demonstra uma clareza tão boa, especialmente todas as vezes em que distingue filosofia e religião como coisas potencialmente independentes, mas sem nunca esclarecer como a ciência pode ser algo diferente de uma construção filosófica. No trecho acima, ele passa de raspão ao reconhecer que uma teoria como a da verificabilidade é uma doutrina filosófica, mas deixa de perceber que a ciência como um todo não pode deixar de ser uma doutrina filosófica. Realmente não o entendo.

Na página 406 ele diz “O que a filosofia pode propiciar é um modo de examinar os resultados da investigação empírica, uma estrutura, por assim dizer, para reunir em alguma ordem as descobertas da ciência.”. É como se Russell considerasse que a ciência faz descobertas sem que elas sejam um produto filosófico e que podem, opcionalmente, organizar esses fatos. Um pouco antes ele diz: “Em nenhuma outra civilização, além da grega, o movimento filosófico caminha lado a lado com a tradição científica.” É realmente estranha essa forma, ainda que seja a provavelmente a concepção mais comum atualmente. O que seria a tradição científica no mundo grego além de parte do arsenal filosófico grego? Para mim não faz sentido essa distinção forçada, que me parece apenas um subterfúgio garantido contra o Ceticismo sempre a espreita que Russell teme continuamente.

Ele mais a frente acaba reconhecendo em parte o que digo: “devemos destacar que, ao nos dispormos a fazer ciência, já nos envolvemos em algum tipo de concepção filosófica do mundo.”

Digo em parte porque ele ainda não parece ver a verdadeira relação entre as duas, ele não dissolve ainda essa independência sem sentido de sua concepção.

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

“... se o erro é subjetivo no sentido de estar ligado a alguém que o cometa e, por sua vez, como não existe garantia contra o erro, poder-se-ia julgar que estamos sempre encerrados em nossas próprias opiniões subjetivas. Mas isso é totalmente equivocado. Uma coisa é dizer que os erros sempre podem se insinuar, e outra completamente distinta é afirmar que nuca estamos certos. Se eu digo que algo é assim, quando de fato é, nada há de subjetivo em semelhante opinião.”

“O respeito pela verdade objetiva pode funcionar como freio com relação às ilusões do poder ilimitado que brotam da tendência subjetivista.”

**Pág. 407, O Período Contemporâneo.**

Aqui Russell demonstra talvez o máximo de sua desonestidade e ou obscuridade filosófica. Ele se opõe as ideias céticas sem expor nenhum motivo, apenas considera que são equivocadas, que são um absurdo.

E chega a distorcer os argumentos. O argumento cético não chegou a dizer que nunca estamos certos, mas que não temos como saber uma verdade objetiva a partir do subjetivo.

O que ele descreve como exemplo geral é o de alguém que está ocasionalmente certo, mas o que preocupa a filosofia mais é o se saber certo quando se estar certo e se saber errado quando se está errado.